

9. “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

“E até sereis felizes, se padecerdes alguma coisa por causa da justiça! Portanto, não temais as suas ameaças e não vos turbeis. Antes, santificai em vossos corações Cristo, o Senhor. Estai sempre prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança” (1Pd 3,14-15).

Quando São Pedro nos pede de dar a razão da esperança que temos em nós, ele o faz porque sabe que a esperança cristã é uma realidade fundada em Cristo presente que nos salva. A esperança não é um sentimento agradável, uma virtude que se apoia em nós mesmos, mas sobre a rocha que é Cristo. Por isso, Pedro sublinha que o sinal de uma esperança real e fundamentada é uma suavidade que permite que ela se justifique por si mesma, sem necessidade de defendê-la a todo custo: “mas fizeti-o com suavidade e respeito. Tende uma consciência reta a fim de que, mesmo naquilo em que dizem mal de vós, sejam confundidos os que desacreditam o vosso santo procedimento em Cristo” (1Pd 3,16).

É sempre assim: a intolerância do fanatismo revela que a realidade que funda a fé e a esperança não é verdadeiramente sólida, por isso nos empenhamos em defendê-la em vez de testemunhá-la por aquilo que ela é, em vez de deixar que seja ela a irradiar-se de nossa pessoa, não como flechas ou bombas que partem para ferir e eliminar os inimigos, mas como luz e fragrância que a propõem e a dão a todos.

Para dimensionar a necessidade de uma profunda esperança, devemos então, de uma forma ou de outra, aceitar que nossa esperança seja posta à prova e, para tanto, precisamos experimentar um certo desespero. Não um desespero criado por nós, masoquista, talvez romântico ou caprichoso, mas o desespero real no qual cada um de nós, mais cedo ou mais tarde, acaba se encontrando se não se censura o drama da vida que fundamentalmente é o confronto com a morte. É a experiência na qual se encontram tantos pobres e pecadores e, portanto, toda a humanidade.

Mas nisso devemos pensar, sobretudo, no grito de Jesus sobre a cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27,46; Sl 21,2).

Será que Jesus, o Filho de Deus, carecia de esperança?

Em sua profunda encíclica sobre a esperança, *Spe salvi*, Bento XVI destacou uma frase de São Bernardo que nos ilumina sobre o mistério de Cristo: “A fé cristã mostrou-nos que verdade, justiça, amor não são simplesmente ideais, mas realidades de imensa densidade. Com efeito, mostrou-nos que Deus – a Verdade e o Amor em pessoa – quis sofrer por nós e conosco. Bernardo de Claraval cunhou esta frase maravilhosa: *Impassibilis est Deus, sed non impassibilis* [Sermões sobre o Cântico dos Cânticos, 26,5] – Deus não pode padecer, mas pode-se compadecer. O homem tem para Deus um valor tão grande que Ele mesmo Se fez homem para poder padecer com o homem, de modo muito real, na carne e no sangue, como nos é demonstrado na narração da Paixão de Jesus. A partir de lá entrou em todo o sofrimento humano alguém que partilha o sofrimento e a sua suportaçãõ; a partir de lá se propaga em todo o sofrimento a *consolatio*, a consolação do amor solidário de Deus, surgindo assim a estrela da esperança” (*Spe salvi*, n. 39).

Podemos então dizer que Jesus não carecia de esperança, mas que experimentou conosco e por nós algo do desespero, de um estado no qual o homem se sente

totalmente abandonado, totalmente privado de socorro, no qual não tem mais nada nem ninguém a quem se apegar.

Esse estado de abandono não é uma posição contra a esperança. Muito pelo contrário! Esse estado é, paradoxalmente, o espaço no qual a esperança é sentida como indispensável e que nos permite vivê-la por aquilo que ela é e deve ser. O desespero, tal como Jesus o experimentou, é um vazio de esperança que absolutamente a exige. É como alguém que está se afogando no mar, como Pedro no capítulo 14 de Mateus, e que, sentindo-se sufocar, não espera nada além do que poder respirar. O sufocamento prova que o ar existe, que ele deve existir necessariamente, absolutamente, mesmo que isso não seja mais considerado garantido. O grito de Pedro, “Senhor, salva-me!” (Mt 14,30), é um grito desesperado cheio de esperança, cheio apenas de esperança.

Mas tanto Jesus na cruz quanto Pedro que afunda no mar nos ensinam um aspecto fundamental da esperança cristã: ela é um grito, mas não um grito no vazio: é um grito dirigido a alguém, um grito que chama alguém: Jesus chama o Pai; Pedro chama Jesus. Como pode um grito, como aquele de Jesus na cruz, despertar a esperança? Pensemos, por exemplo, no Salmo 87. Parece um salmo à beira do suicídio; parece um salmo totalmente desprovido de luz e de esperança. Parece quase o salmo de Judas que desaparece na escuridão: “Afastastes de mim os parentes e amigos, e por meus familiares só tenho as trevas!” (Sl 87,19) – “E era noite” (Jo 13,30).

As expressões desse salmo podem parecer exageradas. Mas quando lemos e escutamos as histórias de quem sofreu nos campos de concentração, de quem vive na miséria, de quem sofre de doenças incuráveis, físicas ou psíquicas, de quem sofre de depressões profundas, de quem perde entes queridos, de quem vive na solidão, de quem é abandonado, de quem é traído, de quem sofreu abusos, de quem não tem trabalho, dos migrantes, de quem hoje tem que suportar a guerra, os bombardeios sem sentido que matam tantos inocentes; ou quando pensamos nos momentos mais sombrios de nossa própria vida, então não achamos exageradas as expressões desse salmo. Isso nos ajuda a intuir um pouco do imenso sofrimento interior de Cristo e a entender que Ele acolhe e recapitula em si mesmo, em seu coração, em sua alma, todo o sofrimento inocente e culpado da humanidade. Também Ele, pouco antes de morrer, poderia ter gritado: “Por meus familiares só tenho as trevas” (Sl 87,19). Há santos, como Madre Teresa de Calcutá, que passaram quase toda a sua vida imersos na escuridão da tristeza mortal, sentindo-se abandonados por Deus, como Jesus no Getsêmani e na Cruz.

Mas qual é a constante deste salmo? O que ele repete continuamente, o que esse salmo declina de todas as formas, junto com as lamentações? Ele repete e declina o “Tu”! Nas profundezas do desespero, o salmista continua dizendo “Tu” a Deus, ele o chama, o implora, e também o acusa, o critica, o torna responsável por todo abandono, até mesmo o de seus amigos. Ele não acusa seus amigos de abandoná-lo, mas acusa Deus de tê-los afastado dele! No entanto, mesmo para acusá-lo, ele tem que dizer “Tu” a Deus, portanto, ele confessa que Deus está ali, que ele é alcançado por seu grito. Exatamente como Jesus: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. No fundo, mesmo Jesus não acusa os romanos, os judeus ou os seus discípulos de abandoná-lo: ele se sente e se diz abandonado pelo Pai, ele grita ao Pai que se sente abandonado somente por Ele.